Leon Degrelle

A Noite das Facas Longas

Leon Degrelle

A Noite das Facas Longas

Libro & Moschetto Fascista Perfetto

Um homem que ainda não havia aparecido abertamente no caso Röhm-Schleicher-Strasser era o vice-chanceler Franz von Papen. Von Papen ficara em seu cargo perto de Adolf Hitler por escolha do presidente idoso, em 1933, para vigiar o Führer, e, depois de três meses, já havia praticamente mais do que reconhecido a própria redundância na chancelaria. Estava taciturno. Que Hitler, seu colega, ganhasse uma popularidade cada vez maior, irritava-o. Em 1932, no Reichstag, ele fora humilhado por uma votação de desconfiança: 96% dos parlamentares se alinharam contra ele. Impecável em seu fraque e cartola, mas, ainda assim, a que isso equivalia?

Em 14 de junho de 1934, Hitler havia ido à Itália para sua primeira visita a Mussolini. Papen, que não era corajoso por natureza, ia aproveitar a ausência de seu chefe do Executivo para fazer um discurso contra aqueles dias de sua partida que seria um contraponto bastante pedante às intrigas retorcidas e às ilusões de seu antigo amigo, então ex-amigo, então novo amigo, o general Kurt von Schleicher. O discurso que Papen faria não era de sua autoria. Um "escritor fantasma" o escrevera para ele. Seu nome era Edgard Jung, e seus escritos anti-Hitler começavam a lhe custar a própria pele. Papen realmente enviara a carta para Fulda, uma antiga cidade eclesiástica, em que Jung selou as pontas soltas de seu golpe. O texto que Jung lhe entregara era quase ridiculamente exagerado, especialmente por ter sido escrito supostamente por um homem que, enquanto ocupava a chancelaria do Reich antes de Hitler, se mostrara incapaz de realizar qualquer coisa.

Que ele, cujo passado político fora uma incógnita, se atrevesse a dar lições a alguém que acabara de pôr de volta ao trabalho mais de dois milhões dos desempregados da Alemanha em apenas alguns meses era de uma presunção absoluta.

Papen recitou suas páginas pré-fabricadas em Marburg com a convicção de um chefe de estação: "A Alemanha não deve ser um trem lançado ao acaso rumo ao futuro, sem que ninguém saiba onde ele vai parar. . . . Grandes homens não são criados pela propaganda, mas pelo valor de suas ações e pelo julgamento da história. . . . Uma inteligência

defeituosa ou apenas meio instruída não qualifica ninguém a se engajar numa batalha contra o espírito.” Mas os bispos, campeões em todos os tipos de querelas políticas, e de quem Papen esperara ser o porta-voz naquele dia, haviam imediatamente se calado, as mitras mansamente inclinadas sobre seus breviários.

Brüning, o ex-chanceler, percebendo que o discurso de Papen saíra pela culatra e cheirava a heresia, trataria de ir embora naquela mesma semana e tomaria o rumo das Américas. Quando Hitler desembarcou ao voltar de Veneza, fez questão de responder. Depois de ler um relato do discurso escrito pelo escritor fantasma de Papen, Hitler se pôs a lidar com seu estranhíssimo colega, que se julgara tão esperto.

Poucas horas depois de pousar, Hitler o desafiou simbolicamente da tribuna, num comício em Gera, na Turíngia: “Todos esses pequenos anões que imaginam ter algo a dizer serão varridos pelo poder de nossa ideia de comunidade. Porque, sejam quais forem as críticas que se julguem capazes de formular, todos esses anões esquecem uma coisa: onde está essa coisa melhor que poderia substituir o que existe? Onde guardam seja lá o que for que queiram pôr em seu lugar? Ridículo, esse vermezinho que quer combater uma renovação tão poderosa de um povo.”[1]

Os soldados de assalto de camisas marrons, ou Sturmabteilung, literalmente “Departamento de Assalto”, ou SA, liderados por Ernst Röhm, antigo companheiro de armas de Adolf Hitler, eram a facção nazista que havia travado as lutas de rua e quebrado as vitrines dos primeiros tempos. Depois que os nazistas chegaram ao poder, empreendeu-se uma campanha maciça para dar à SA uma nova imagem pública, como os pioneiros heroicos da lei e da ordem no país. A legenda alemã neste cartaz de propaganda enfatiza a nova imagem de virtude cívica: “O serviço na SA o prepara para a camaradagem, a tenacidade e a força.”

1 Andre Brissaud, *Hitler et son temps*, 197.

Schleicher, que ficara encantado com a sabotagem de Papen, estava apenas dando os retoques finais em seu futuro governo. A lista já corria por aí: o papel de todos já estava definido, como podemos ler em Benoist-Méchin: “Hitler será assassinado. Schleicher se tornará chanceler em seu lugar. Gregor Strasser receberá a pasta da economia nacional. Quanto a Ernst Röhm, ele se tornará ministro do Reichswehr.”

“É apropriado”, diz Schleicher, “que o Exército e as formações nacionais estejam nas mesmas mãos.”

“Tendo Strasser e Röhm aprovado seu programa, Schleicher sentiu-se seguro do sucesso.”[2]

E assim um general sufocado pela ambição, um general que seis meses antes, como ministro da Defesa Nacional, era diretamente responsável pelo Reichswehr, estava agora determinado a colocar todos os generais do Reichswehr, seus próprios colegas, sob o comando de Röhm, o insultador constante do antigo Exército. O ressentimento o transformara num traidor, esse homem arrogante e cínico. A sede de poder o consumia de fúria, e ele estava pronto para se aliar a qualquer um para recuperá-lo. Com dureza, escreve o historiador Benoist-Méchin: “Ele considera que chegou a hora de fazer alguém pagar por sua desgraça. Um general sem exército, um fascista sem convicção e um socialista sem nenhum apoio entre a classe trabalhadora, ao perder seu posto no gabinete, perdeu seus amigos. Mas agora que os acontecimentos parecem se voltar a seu favor, ele vê a possibilidade de recuperar tudo com um único golpe.”[3]

Vazaram rumores a respeito da crise ainda semissecreta, provocando reações assustadas. Em 25 de junho de 1934, Hitler foi informado de que, em 15 dias, as reservas de ouro do Reichsbank haviam minguado de 925 milhões de marcos para 150 milhões. “A agitação da SA provocou inquietação nos círculos industriais e bancários.”

Tudo se somava: o Exército ameaçado; a anarquia no horizonte; o espectro da desvalorização pairando sobre o Reich. Os tenentes de Hitler ergueram a voz. Rudolf Hess, em 26 de junho de 1934, anunciou pelo

2 Benoist-Méchin, *Histoire de l’Armee Allemande*, Vol. III, 189.
3 Benoist-Méchin, *op. cit.*, vol. III, 188f.

rádio em Colônia: “O Führer perdoará pequenos desvios pessoais, considerando a magnitude das realizações alcançadas. Mas, se o Partido for obrigado a entrar na luta, ele o fará segundo o princípio nacional-socialista: se você atacar, ataque com força.”

“O nacional-socialismo não pode ser substituído”, acrescentou, “nem por forças conservadoras escolhidas a dedo que só são criminosas em intrigas, às quais se deu o nome pomposo de ‘segunda revolução’. Adolf Hitler é, e continua sendo, um revolucionário em grande estilo. Ele não precisa de muletas.” Hermann Göring foi igualmente firme em Hamburgo, em 28 de junho: “Tirar um povo do atoleiro para erguê-lo em direção ao sol é uma tarefa sobre-humana. A base sobre a qual o Reich repousa é a confiança no Führer.” Então, seu aviso soou como o estalo de um fuzil: “Quem quer que procure destruir essa confiança assinou sua sentença de morte.”

Informações cada vez mais numerosas e precisas foram levadas a Hitler, algumas reais e outras, sem dúvida, exageradas por imaginações inquietas ou entendidas apenas parcialmente, ou com menor exatidão, pelos serviços de escuta. Essas transcrições de conversas telefônicas grampeadas dos conspiradores estavam cheias de insultos grosseiros dirigidos a Hitler. Agentes secretos seguiam os suspeitos. Cartas eram apreendidas, assim como diários acusatórios. Göring ficou muito impressionado com os documentos.

“Preparativos febris também estão sendo feitos na capital nacional-socialista. O alarme negro especial está em vigor desde o início. Certo número de seções da SS está armado com fuzis e 120 cartuchos por fuzil. As tropas de choque conhecidas como SS Section Grossbeeren estão em pé de guerra. Certas formações do corpo automobilístico, ou NSKK, foram mobilizadas e armadas com carabinas.”[4]

É 28 de junho de 1934: Hitler partiu para Essen, onde deve comparecer a um casamento e encontrar alguns grandes industriais do setor metalúrgico. No dia seguinte, 29 de junho de 1934, ele inspecionará os campos do Serviço de Trabalho na Westfália. Então, de repente, ele terá

4 Relato dos acontecimentos de 30 de junho em *The Manchester Guardian* do dia 9 de agosto seguinte.

a cor azul, receberá notícias da mais alarmante natureza: “Röhm deu ordens a todos os comandantes da SA para se reunirem com ele às margens do Tegernsee [lago Tegern] na tarde de 30 de junho, e todas as unidades da SA receberam ordens de permanecer à disposição de seus comandantes.”[5]

Ora, o dia seguinte, primeiro de julho, é precisamente o dia em que deve começar a licença concedida por Hitler aos 3 milhões de homens da SA. O próprio Hitler nos deixou um relato dessas horas particularmente dramáticas.

> **A mobilização da SA na véspera de sua partida de licença me pareceu muito incomum. Decidi, portanto, dispensar o chefe do Estado-Maior de suas funções no sábado, 30 de junho; colocá-lo sob prisão; e, além disso, prender ou eliminar certo número de comandantes da SA cujas atividades criminosas eram notórias.**
>
> **Diante da tensão dos acontecimentos, julguei que o chefe do Estado-Maior provavelmente não me obedeceria se eu lhe ordenasse ir a Berlim ou a qualquer outro lugar. Por isso, resolvi ir pessoalmente a Munique até ele, para lhe arrancar o comando da SA. Apoiando-me em minha autoridade pessoal e na determinação que nunca me faltara em momentos críticos, planejei chegar lá no sábado ao meio-dia, destituir o chefe do Estado-Maior no ato, prender os principais instigadores da conspiração e dirigir um apelo enérgico aos comandantes da SA para que voltassem a seus deveres.[6]**

Hitler acaba de encerrar sua visita à Westfália entre os jovens trabalhadores. Chegou para passar a noite em um hotel de que gosta, a casa de um antigo companheiro, o senhor Dreesen. De sua sacada, ele olha para uma bela extensão do Reno. Como se os céus quisessem participar de seu drama pessoal, irrompe uma tempestade, e clarões de relâmpagos explodem numa verdadeira tormenta wagneriana. Goebbels chegou às 21h30, em um avião especial vindo de Berlim, para lhe trazer outras mensagens que fizeram aumentar, hora a hora, a inquietação.

---

5 Benoist-Méchin, *op. cit.*, vol. I, 192.

6 Citado por Benoist-Méchin, *op. cit.*, vol. III, 192.

“O alerta foi dado na capital para o dia seguinte, às 16h. Caminhões foram requisitados para transportar as tropas de choque; a ação começará às 17h, em ponto, com o súbito cerco aos prédios ministeriais.”[7]

Não há tempo para examinar cada um dos relatórios, para pesar quais são verdadeiros e quais são fraudulentos ou imaginários. “Já aguentamos isso por tempo suficiente”, grita Hitler. “Era imperativo agir com a velocidade de um raio. Apenas um procedimento rápido e repentino talvez ainda fosse capaz de conter a revolta. Não havia mais tempo para duvidar: seria melhor mandar fuzilar 100 conspiradores do que deixar que 10.000 homens da SA inocentes e 10.000 civis igualmente inocentes se matassem uns aos outros.”[8]

Hitler reflete por vários minutos. Todos os outros ao redor permanecem em silêncio. Lidar severamente com antigos camaradas dos primeiros tempos de luta está dilacerando seus sentimentos. “Fui tomado por uma admiração respeitosa”, relataria mais tarde Paul Joseph Goebbels, “testemunha daquele silêncio, por aquele homem sobre quem repousava a responsabilidade pelo destino de milhões de seres humanos e que eu via no processo de pesar uma escolha dolorosa. De um lado, a paz e a tranquilidade da Alemanha; do outro, aqueles homens que, até bem pouco tempo antes, haviam sido seus amigos íntimos.”[9] “Por mais que tenham se desviado, todos são camaradas de luta. Durante anos, compartilharam as mesmas angústias, as mesmas esperanças, e é com horror que ele se vê obrigado a ser severo com eles.”[10]

“Isso me causou muita dor”, admitiu Hitler. Mas, quando é necessário, um líder deve se elevar acima de seus apegos. Hitler vai se antecipar à reunião convocada por Röhm e chegar lá antes de qualquer outra pessoa. Ele não vai sobrecarregar ninguém com a perigosa missão. Irá ele mesmo. Seis pessoas ao todo o acompanharão, com Goebbels colado ao chefe.

Em Godesberg, o avião pessoal de Hitler está danificado. Felizmente para ele. Porque o Munique, com campo de pouso, para onde voariam em

7 Benoist-Méchin, *op. cit.*, 194.
8 Ibid.
9 Brissaud, *op. cit.*, 201.
10 *Ibid.*

seu avião, está esperando por seu avião. Um Junkers substituto é trazido, e eles sobem para o céu negro ainda marcado pela tempestade. Hitler não diz uma palavra durante as duas horas no ar. Será que ainda haverá tempo naquela mesma noite? Ele é um velho soldado, e se lançará diretamente contra o obstáculo, como fez no front, na Flandres e em Artois. Ainda lhe resta tempo, antes da decolagem, para receber um telefonema de Munique anunciando novas notícias: Wagner: "23h45. Várias centenas de homens da SA atravessaram as ruas dando vivas vulgares contra Hitler e o Reichswehr e entoando sua canção: 'Afiem suas longas facas na beira da calçada.'"[11]

Saltando apressadamente de seu Junkers em Munique, Hitler vai imediatamente até os dois generais da SA que estavam ali para se encontrar com Röhm à tarde e arranca as folhas prateadas de suas golas. Logo depois, parte para o carro que o levará à aldeia de Wiessee, onde Röhm está hospedado. Com ele, no carro, estão Goebbels, Otto Dietrich — seu assessor de imprensa — e três guarda-costas.

Um caminhão levando alguns homens da SS os alcança no caminho. "Meu Führer", diz Goebbels, "quem dá o primeiro golpe fica com a mão vencedora. O primeiro assalto de uma luta é sempre decisivo." Atacar antes de qualquer outra pessoa é precisamente o que Hitler tem em mente. Como verdadeiro lutador, ele vai dar o bote.

A tensão entre Hitler e Röhm vinha crescendo havia algum tempo. Por fim, chegaria a seu clímax mortal em 30 de junho de 1934. O próprio Adolf Hitler é o primeiro a saltar do carro até a varanda da pensão Hanselbauer, onde Ernst Röhm e sua equipe estão dormindo. Ainda será preciso alguns segundos para começar. A porta de entrada é arrombada. Hitler entra correndo. Goebbels e os poucos homens da SS do destacamento dele correm de um quarto a outro e irrompem antes que um único adormecido consiga se mexer. E que adormecidos! O mais inveterado dos cúmplices de Röhm, Heines, que desfilara com ele de maneira tão arrogante em Breslau havia pouco tempo, tendo à frente quase 100 mil homens da SS, está dormindo, inteiramente nu, agarrado ao chofer

11 Churchill, *L'orage approche* ["The Storm Draws Near"], 100.

dele. Ele tenta pegar um revólver; fica paralisado. Tinha sido desejo de Hitler prender Röhm pessoalmente.

"Sozinho e sem nenhuma arma", escreveu Churchill com admiração, "Hitler subiu a escada e entrou no quarto de Röhm."[11a] O rosto de Röhm ficou rubro ao ver Hitler, suas feições ainda mais marcadas pela bebedeira da noite anterior. Ele foi arrastado para fora e empurrado para dentro de um caminhão com vários outros sobreviventes. Hitler desviou o olhar dele, como que consternado.

De repente, então, apareceu uma série de carros chegando a Wiessee com a primeira leva dos principais comandantes da SA que vinham para a reunião de Röhm. Hitler correu para a estrada, parou os veículos e prendeu pessoalmente aqueles dirigentes cuja cumplicidade era conhecida por ele. Sabia precisamente quem eram os confederados de Röhm e quem não estava informado, e estes últimos foram libertados imediatamente. Os outros logo se viram na prisão de Munique. Benoist-Méchin revelou:

> **Estes últimos pretendiam pôr os outros oficiais a par de seus planos durante a conferência de Wiessee, confrontando-os assim com um *fato consumado,* já que a ação deveria começar quase ao mesmo tempo em Berlim e Munique. Aqueles que não pudessem ser conquistados para o lado de Röhm seriam presos e entregues às tropas de choque de comando.**

Não é difícil imaginar o que os comandos teriam feito com eles.[12]

Justamente naquele momento (às 7h45), as tropas de choque de comando especialmente criadas por Röhm também estavam chegando, transportadas por uma coluna de caminhões. Aquela irrupção de comandos numa hora tão matinal era reveladora. Se as tropas de choque estavam chegando ali tão cedo, só podia significar que haviam recebido ao amanhecer ordens para a missão muito especial que Röhm pretendia lhes atribuir. E, pela segunda vez, foi o próprio Führer quem, ali mesmo, interveio.

"Hitler, ainda desarmado, avança em direção ao comandante do destacamento e ordena que ele, em tom que não admite resposta, dê meia-

---

11a Churchill, *L'orage approche* ["The Storm Draws Near"], 100.

12 Benoist-Méchin, *op. cit.*, vol. III, 197.

volta e volte para seus alojamentos. O comandante do destacamento obedece, e a coluna de caminhões parte de volta na direção de Munique."[13]

Assim, em um estágio muito inicial, foi Hitler quem enfrentou os riscos e pôs a própria vida em jogo. Churchill escreveu: "Se Hitler tivesse chegado uma hora mais tarde, ou se os outros tivessem chegado uma hora antes, a história teria tomado um rumo diferente."[14]

Outros figurões da SA deveriam chegar a Munique de trem. No momento em que desembarcaram, foram presos um após o outro na estação. Quando Hitler voltou à "Casa Marrom" às 11 horas da manhã, mandou que a lista de prisioneiros lhe fosse enviada imediatamente. Eram 200. Ele mesmo marcou em uma folha os nomes dos líderes mais implicados, que deveriam ser fuzilados. Nem ali tentou empurrar para outra pessoa a decisão e a ordem de execução. Responsável por seu país, assumiu com muita seriedade suas responsabilidades para com ele. O próprio Churchill seria obrigado a reconhecer o fato: "Por sua ação pronta e implacável, ele havia assegurado sua posição e sem dúvida salvado sua vida. Aquela 'Noite das Facas Longas', como foi chamada, preservara a unidade da Alemanha nacional-socialista."[15] Na tarde daquele mesmo dia, os comandantes da SA assinalados na lista foram levados diante dos pelotões de fuzilamento. "É a vontade do Führer. *Heil Hitler!* Preparar. Apontar. Fogo!"

Isso aconteceu exatamente às 5 horas da tarde, a hora em que os executados presumivelmente teriam encerrado sua reunião com Röhm.

E Röhm? Ele ainda estava vivo. Hitler ainda hesitava "por causa dos serviços prestados". Só no dia seguinte Hitler, dominando seus sentimentos pessoais e sua amargura, aceitaria, por insistência de Göring, que o principal culpado fosse finalmente executado.

Naquele momento, Hitler declarou que seria necessário permitir que Röhm realizasse a própria execução. Um revólver foi colocado ao alcance de sua mão. Ele se recusou a tocá-lo. Dez minutos depois, uma rajada de

13 Ibid.
14 Churchill, *op. cit.*, 100f.
15 *Ibid.*

metralhadora o matou em sua cela. Hitler, fiel aos amigos a um grau quase impossível, recebeu a notícia consternado. “Quando um jovem oficial da SS entrega a Hitler uma mensagem informando que Röhm recusou o suicídio e foi morto, o rosto de Hitler fica muito pálido. Ele põe a mensagem no bolso. Alguns minutos depois, retira-se para seus aposentos.”[16] Hitler tinha mão de ferro. Mas não conseguia se levar a usá-la contra um velho camarada.

Hitler havia retornado a Berlim às 6 horas da tarde do mesmo dia. Pousara em Tempelhof sem chapéu, “com o rosto branco como giz, fatigado por uma noite sem dormir, por fazer a barba, oferecendo a mão em silêncio àqueles que o esperavam”. Göring lhe apresentou uma lista; em Berlim, também, a repressão fora rápida e severa, mais dura do que em Munique. Os civis implicados haviam sido executados ao mesmo tempo que os comandantes da SA ligados a Röhm e ao Gen.

Kurt von Schleicher. Desde o momento em que recebeu, ao amanhecer, a senha “beija-flor”, uma coluna de guardas móveis juntou-se à guarda pessoal de Göring. Göring, como Hitler, fizera-lhes um breve discurso: “Será necessário obedecer sem questionar e ter coragem, pois condenar alguém à morte é difícil.”

Num instante, os comandantes que estavam mancomunados com Röhm e Schleicher foram presos e postos em fila contra uma parede na prisão de Lichterfelde. E ali também foi o chefe quem tomou as decisões. Um por um, Göring encarava cada prisioneiro. Este. Aquele. Como em Munique, ele pessoalmente e ali mesmo retirou de sua fileira aqueles mais profundamente implicados. Gisevius, embora fosse um anti-hitlerista dos mais notórios, sentiu-se obrigado a mencionar as confissões dos culpados:

“Uhl é aquele que afirmou, pouco antes de ser fuzilado, que havia sido designado para assassinar Hitler; Balding, um dos comandantes de seção da SA, que teria atentado contra [Heinrich] Himmler.” Ernst, o fanfarrão com uma dúzia de carros, que gastava 30.000 marcos por mês em banquetes, havia sido capturado no exato momento em que estava

16 Brissaud, *op. cit.*, 210.

prestes a partir para as Canárias. Pouco mais que algumas horas, e tudo havia acabado.

Os mencionados não foram os únicos a perecer. Em Berlim, o centro político de todas essas intrigas, vários civis importantes haviam se misturado ao caso. Primeiro havia o vice-chanceler Franz von Papen, o ardiloso conspirador. Naquela manhã, sua arrogância rapidamente diminuiu. Göring o tratara pessoalmente com consideração. Eram colegas. Papen ainda era vice-chanceler.

"Eu o aconselho enfaticamente", disse-lhe Göring, "a ficar em casa e a não sair por motivo algum." Ele compreendeu de imediato e correu para a segurança. Ficaria em casa sem dedicar sequer um momento de pensamento a seus colaboradores próximos sentados em seu ministério, nem mesmo àqueles que haviam preparado para ele o texto malicioso de seu discurso em Marburg antes da operação de Röhm.

Quanto ao que poderia acontecer com eles assim que ele os abandonasse na Vice-Chancelaria, não daria a mínima. Depois, jamais pediria uma palavra de explicação a respeito deles, nem expressaria um único arrependimento. Ainda assim, eles morreriam naquela manhã. Seu braço direito, Erich Klausener, tentara fugir e fora morto por duas balas disparadas através de sua porta entreaberta. Ao sair, quisera pegar o chapéu, e isso o fez perder aqueles poucos segundos fatais. Morreu de chapéu na cabeça, como um cidadão consciencioso.

O próprio secretário particular de Papen, Herbert von Bose, cairia no prédio do gabinete. Edgard Jung, o principal redator de Papen, aquele que redigira sua tirada de 17 de junho palavra por palavra, seria liquidado como os outros dois. Assim, depois de ter sido abandonada heroicamente por Papen, a primeira camarilha foi eliminada.

Em seguida, seria a vez do futuro ministro da Indústria do governo Schleicher-Röhm, Gregor Strasser. Ele havia se escondido numa fábrica que produzia produtos farmacêuticos. Ele foi capturado ali, e não demorou a ser liquidado. E quanto ao mais importante dos conspiradores, o futuro chanceler da Alemanha pós-Hitler, o general Schleicher? Ele fora o

primeiro a pagar. Nem sequer tivera tempo de procurar refúgio. Fora surpreendido em seu gabinete e abatido a tiros antes que pudesse soltar um grito. Sua esposa, que se lançara sobre ele, morrera bravamente sob a mesma saraivada de balas.

Sempre que coisas assim acontecem, pessoas excessivamente exaltadas vão longe demais ou cedem a seus instintos mais sombrios, e, na violência da briga, alguns inocentes acabam, de fato, feridos. Essas baixas são o que hoje chamamos pudicamente de “erros lamentáveis”. Houve mais de uma em 30 de junho de 1934. Um professor pacato chamado Schmit foi confundido com um dos conspiradores da SA: ambos tinham o mesmo sobrenome e o mesmo prenome.[17]

Vítima de outro erro foi um velho e bom amigo de Hitler, o padre Schlemper, um ex-jesuíta. No calor de operações desse tipo, em que por uma hora talvez a tranquilidade pública esteja em jogo, erros e excessos acontecem: são lamentáveis, condenáveis e, não importa o que se faça, inevitáveis.

Em agosto e setembro de 1944, um tal Charles de Gaulle demonstraria pouquíssima preocupação quando seus asseclas, com abomináveis requintes de crueldade, assassinaram dezenas de milhares de franceses (104.000 segundo cifras oficiais dos EUA) simplesmente porque suas ideias sobre o que era bom para a França diferiam das dele. E, entre todos os assassinos de 1944, comunistas e gaullistas alike, nenhum deles, nem mesmo aqueles pegos em flagrante nos piores excessos, jamais seria objeto de sanção. O mesmo vale para a Bélgica, onde os assassinos que massacraram livremente, em aldeias isoladas, centenas de pais e filhos dos Voluntários da Frente Oriental, sem exceção gozariam de total impunidade em 1945; na verdade, receberiam pensões, seriam condecorados.

Se Hitler foi forçado a agir com severidade em 30 de junho de 1934, ele não chegara a esse ponto nem um momento cedo demais. Poderia facilmente ter sido passado para trás naquele dia pelos Röhm e pelos Schleicher. Sua indecisão durante maio e junho quase se mostrou fatal. A

17 Segundo William Shirer, em *The Rise and Fall of the Third Reich*, o homem inocente era o Dr. Willi Schmid. O líder local da SA chamava-se Willi Schmidt. O líder da SA Willi Schmidt, nesse meio-tempo, havia sido preso por outro destacamento da SS e fuzilado.—Ed.

partir do momento em que tomou conhecimento de que erros ou abusos haviam sido cometidos, agiu com igual severidade contra os policiais ou milicianos que os haviam cometido. Três deles foram fuzilados naquela mesma noite. “Ordenarei punição”, exclamou, “para aqueles que cometeram excessos. Proíbo da maneira mais enfática quaisquer novos atos de repressão.”

Em seu livro, *A Tempestade se Aproxima*, Churchill faria questão de repetir — quase com admiração — as razões que se impuseram a Hitler quando ele viu que não havia outra solução senão esmagar a rebelião iminente: “Era imperativo agir com a rapidez de um raio naquela hora, a mais decisiva de todas, porque eu tinha apenas alguns poucos homens comigo. . . . Revoltas são sempre reprimidas por leis de ferro que são sempre as mesmas.” Churchill, em um caso semelhante — pode-se ter certeza — certamente teria reagido com uma dureza cem vezes mais implacável.

Quantos mortos houve? Ali, como em tudo o mais quando se trata de censurar Hitler, os números lançados foram prodigiosos. Mil mortos, segundo alguns. Mais de mil mortos, segundo outros. “As estimativas quanto ao número de pessoas liquidadas variam de cinco a sete mil”, Churchill escreveria mais tarde, como se envergonhado de ter, em maior ou menor grau, elogiado Hitler por sua energia.

Que provas há para sustentar tais afirmações? Nenhuma. Esses números fantásticos foram lançados ao ar para gelar o sangue do grande público fora da Alemanha. Para a imprensa belicista que vinha uivando aos calcanhares de Hitler havia quase dois anos, isso oferecia uma grande oportunidade de lançar opróbrio sobre ele, ainda que com um desavergonhado desprezo pela verdade ou mesmo pela probabilidade. Esse método de provocação, repetido a cada passo a partir de janeiro de 1933, conduziria infalivelmente aos ódios furiosos que degeneraram na Segunda Guerra Mundial em 1939.

Se nos atermos honestamente aos números historicamente estabelecidos com exatidão, quantos conspiradores ou confederados morreram em 30 de junho de 1934? Setenta e sete ao todo, afirmou Hitler

ao Reichstag. Mesmo um inimigo tão impassível quanto Gisevius, o ex-membro da Gestapo, teve de admitir, embora a contragosto: “Se quisermos acreditar nos boatos, houve supostamente mais de cem homens fuzilados só naquele domingo em Lichterfelde. Mas esse número é certamente exagerado; com toda probabilidade, não houve mais de 40.”[18] Bem, não houve outro dia de execução além “daquele domingo”. Recapitulando todos os nomes que conseguiu reunir em todo o Reich, Gisevius chegou a 90 homens executados. Além disso, acrescenta: “supondo que o número seja exato.”[19]

E os outros 910... ou 6.830... cuja execução foi alardeada pelo planeta pelos Churchills ou pelos Churchills menores? Gisevius, que estava no local e tinha informantes antinazistas por toda parte, não chegou nem a um centésimo do número de Churchill, e tinha apenas esta explicação lamentável a oferecer: “Aqueles que haviam sido listados como mortos voltavam a aparecer ao fim de algumas semanas.” Em poucas horas, e a um preço que, no fim das contas, não era muito alto — cerca de uma morte por milhão de cidadãos alemães — Hitler havia restaurado a ordem em seu país. “Nunca uma revolução foi menos custosa e menos sangrenta”, Goebbels poderia dizer.

Os gritos angustiados e as mentiras dos críticos estrangeiros eram a mais ardente hipocrisia. O que representava a rápida execução de um punhado de amotinados à beira da rebelião diante do massacre em massa perpetrado pelos tão glorificados grandes *ancêtres* da Revolução Francesa?

O próprio Napoleão mandou fuzilar o general Malet por conspiração. O duque d’Enghien foi morto por sua ordem nas valas de Vincennes. Ele exterminou dezenas de milhares de opositores bretões em suas expedições punitivas. “Um ato político não é julgado pelas vítimas que faz, mas pelos males que evita.” Foi o filósofo Joseph de Maistre quem disse isso, um século e meio antes de Röhm e Schleicher serem executados. Com coragem pessoal inegável, Hitler conseguira controlar a situação a um custo limitado e em um mínimo de tempo.

18 Gisevius, *op. cit.*, 196.
19 *Ibid.*

Não se pode duvidar de que, sem sua resolução, a Alemanha teria caído no caos, e rapidamente. O exército certamente teria se movido para bloquear Röhm, resultando talvez em milhares de mortes e em um colapso imediato da recuperação econômica. Os brados de triunfo que se ergueram no exterior ao ver essa breve explosão de violência ocorrer na Alemanha foram muito significativos; pode-se imaginar que já estivessem tocando o dobre de finados.

Não era apenas direito de Hitler, mas seu dever, tomar o ferro em brasa de sua forja e cauterizar a chaga até o osso. Ele o fez com a força e a prontidão que eram necessárias para poupar à nação qualquer coisa além da eliminação rápida e radical da corrupção. Ele era o juiz e a espada. Um verdadeiro líder, em tais horas de extremo perigo, deve encarar as coisas de frente, não hesitar um segundo, mas decidir e agir.

O povo alemão compreendeu isso tanto naquela mesma noite. Quando Hitler, com o rosto cinzento após uma noite trágica, deixou o aeroporto de Tempelhof às seis horas da tarde, um grupo de telhadistas que trabalhava ali em um telhado gritou-lhe: “Bravo, Adolf!” Em sua admiração, chamavam-no pelo primeiro nome. Duas vezes mais gritaram seu “Bravo, Adolf!” Era a primeira saudação do povo no retorno daquele que amava a justiça.

Poucas horas depois, outro “Bravo, Adolf!” ecoaria, este ainda mais impressionante que o brado dos telhadistas; era o da mais alta autoridade do Reich, o velho marechal von Hindenburg. Naquela mesma noite, ele telegrafara ao Führer de sua propriedade em Neudeck: “Pelos relatórios que me foram dados, parece que o senhor esmagou todas as intrigas sediciosas e a tentativa de traição. Graças à sua intervenção pessoal, enérgica e corajosa, o senhor salvou o povo alemão de um grave perigo. Permita-me expressar-lhe minha profunda gratidão e sincera estima. Assinado: von Hindenburg.”

Livre da ameaça de uma subversão fratricida, o exército também se alinhou imediatamente, de modo unânime, atrás do Chanceler. Assim que a mensagem de von Hindenburg chegou a Berlim, o ministro da Defesa Nacional emitiu uma ordem do dia à Wehrmacht:

O Führer atacou e esmagou pessoalmente os rebeldes e traidores com a determinação de um soldado e com coragem exemplar. A Wehrmacht, como a única força armada da nação como um todo, mantendo-se afastada dos conflitos internos, expressará a ele seu reconhecimento por sua devoção e fidelidade. O Führer nos pede que mantenhamos relações cordiais com a nova SA. Agora que servimos a um ideal comum, ficaremos felizes em fazê-lo. O estado de alerta está suspenso em todo o Reich.

Assinado: von Blomberg.

E a SA? Nenhum ato de resistência ou cumplicidade seria registrado em lugar algum de todo o Reich depois de 30 de junho de 1934. Para quase todos os membros da SA, era Hitler quem contava, não os homens fuzilados.

Estes últimos eram seis ou sete dúzias ao todo e eram ou ambiciosos frios, como Schleicher, ou então aventureiros esquerdistas como Röhm, bem como alguns cúmplices cujas cabeças haviam sido viradas por sua ascensão indesejada e que clamavam por ainda mais. "Afinal", reconheceria Gisevius, ao lidar com o contingente mais cruel de todos, "era apenas uma questão de uma camarilha muito pequena: oficiais do estado-maior de grupo com seus guardas pagos, um bando de almofadinhas, como se encontram em qualquer lugar onde haja desordem ou uma briga."[20] A maior parte da SA não teria se deixado desviar de modo desastroso.

O embaixador francês, François-Poncet, velho amigo de Schleicher e de Röhm, escreveria mais tarde: "Mesmo se Röhm e Schleicher tivessem conseguido realizar seu complô, eles teriam fracassado." Sua revolta provavelmente teria terminado numa chacina sangrenta cem vezes mais mortífera do que a breve repressão de 30 de junho. Eles não haviam sido capazes de agir em tempo hábil. Gisevius acrescentaria: "A história de 30 de junho se resume à escolha do momento oportuno. Röhm caiu porque deixou escapar a hora favorável. A equipe Göring-Himmler (e Hitler, é claro) venceu porque agiu no momento adequado."

20 Gisevius, *op. cit.*, vol. I, 132.

Karl Marx havia dito isso um século antes: “Nem as nações nem as mulheres são poupadas quando não estão em guarda.” Hitler estivera em guarda.

Com humor sombrio, Göring comentou: “Eles prepararam uma segunda revolução para a noite de 30 de junho, mas nós a fizemos em vez deles — e contra eles.”

Hitler mal estava acordado na manhã seguinte, primeiro de julho de 1934, quando multidões contínuas aclamavam das janelas da chancelaria lá de baixo. Gisevius, que naquele momento ainda não traía secretamente o regime nazista, estava na chancelaria quando Hitler se aproximou da sacada. “Nessa ocasião”, ele observou mais tarde, “tive uma oportunidade inesperada de ver Hitler de perto. Ele estava na famosa janela e acabara de receber a ovação do povo de Berlim que viera ali em multidões.”

Ele fez uma profunda reverência quando Hitler passou diante dele, mas estava consumido pelo medo: “Sob a insistência daquele olhar cesáreo, eu quase quis me enfiar num buraco.”[21] O César da chancelaria mostrara coragem e senso de estratégia, e o povo reunido na rua, lá embaixo, aclamando-o, com uma intuição segura do perigo e do desfecho bem-sucedido, havia compreendido.

Em 2 de julho de 1934, a Alemanha inteira estava de volta aos eixos. A SA e o exército estavam reconciliados. A reunificação política e social do Reich havia sido alcançada em 1933. Agora, no início de julho de 1934, a reunificação militar e a ideológica estavam prestes a se realizar.

Juramentos de lealdade a Hitler vinham de todos os lados. Até o alto clero, com sua afetação santimoniosa, seguiu o exemplo. O próprio dr. Hjalmar H. G. Schacht não encontrou motivo algum para censura. Poucos dias depois das execuções, ele entraria tranquilamente no governo de Hitler, agora expurgado da presença de Röhm.

Em 13 de julho de 1934, falando diante do Reichstag, com toda a nação alemã colada aos seus rádios, Hitler assumiu plena responsabilidade por seus atos:

---

21 Gisevius, *op. cit.*, 68.

Os culpados pagaram um tributo muito pesado: dezenove oficiais superiores da SA e 31 comandantes e membros da milícia de camisas-pardas foram fuzilados; três comandantes da SS e civis implicados na conspiração sofreram o mesmo destino; 13 comandantes da SA e civis perderam a vida resistindo à prisão; três outros cometeram suicídio; cinco membros do partido que não pertenciam à SA também foram fuzilados. Três homens da SS que haviam sido culpados de maltratar prisioneiros foram fuzilados.

Se alguém me censura por não ter encaminhado os culpados aos tribunais ordinários, só posso responder: foi somente decidindo que a ordem foi restaurada nas divisões rebeldes.

Eu pessoalmente dei a ordem para fuzilar os culpados. Também dei ordens para pôr um ferro em brasa na ferida e queimar até a carne viva os abcessos que infectavam nossa vida interna e envenenavam nossas relações com outros países. E ainda dei a ordem para abater imediatamente todo rebelde que fizesse a menor tentativa de resistir à prisão. Naquela hora, fui responsável pelo destino da nação alemã e fui, assim, o juiz supremo do povo alemão.

Se ainda restava algum sabotador nas sombras, Hitler estava decidido a adverti-lo de que um destino como o de Schleicher e Röhm o aguardava: “Qualquer demonstração de complô, ou cumplicidade em uma conspiração, será esmagada sem qualquer consideração por patente ou pessoa.”

Acreditando que Hitler estava prestes a ser derrubado, os belicistas no exterior — notadamente o presidente do Conselho francês Doumergue, o pequeno e vingativo autoritário provençal — rejubilaram-se cedo demais. Foi Doumergue quem logo seria afastado do poder, rejeitado pelo povo francês naquele mesmo ano. Enquanto da tragédia de 30 de junho de 1934 surgira uma Alemanha mais forte, livre de toda ameaça de subversão interna e com o exército e a SA finalmente levados à harmonia mútua. Política, social, militar e ideologicamente, os alemães eram agora um povo unido.

No mês seguinte, ao lançar dezenas de milhões de votos a favor de Hitler pela terceira vez, a Alemanha faria saber ao mundo inteiro que

estava formando em torno de seu líder a mais formidável unidade que o Reich já conhecera.

Leon Degrelle era um indivíduo de inteligência excepcional, dedicado à Cultura Ocidental. Lutou não apenas por seu país (a Bélgica), mas pela sobrevivência da Europa cristã, impedindo que o continente fosse inundado pelas hordas selvagens de Stálin. O que o gen. Degrelle tem a dizer, como testemunha ocular de alguns dos principais acontecimentos da história do século XX, é de importância enorme e tem grande relevância para a luta contínua, hoje, pela sobrevivência da civilização como a conhecemos.